

No. 161
JAN-FEV-MAR
ANO 24/2014

farj@riseup.net
http://www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



CONSIDERANDO que lembramos neste mês de março os 50 anos do golpe de 1964;

CONSIDERANDO que o Governo da República é responsável pela ordem e seguranças internas;

Resolvo editar o seguinte

ATO INSTITUCIONAL

Autorizo a ocupação militar do Complexo de favelas da Maré.



A ocupação militar do conjunto de favelas da Maré pelo governo estadual e federal, além de vergonhosa é emblemática. Na véspera dos 50 anos do golpe empresarial, civil e militar de 64 vimos que os aparatos e práticas de repressão ao povo não foram desmobilizados com o fim da ditadura. Pelo contrario, continuaram atuantes, principalmente com a violência do Estado nas favelas e periferias, e se aperfei-

çoaram. E hoje estes aparatos trabalham cada vez mais para garantir o avanço dos interesses do capitalismo contra o povo.

Na cidade e no campo, nas periferias e nas favelas o povo pobre é violentado há décadas pelo Estado que o priva de direitos como saúde, educação, moradia digna, saneamento, lazer, transporte, entre outros. Diante disso, a resposta do Aparelho Estatal é uma política de repressão e controle social, como a militarização das favelas e a criminalização dos pobres e dos movimentos sociais. Um rolo compressor que avança, conduzido pelos governos e tendo o capitalismo como motor.

Na ocupação militar do conjunto de favelas da Maré, logo atrás dos tanques do Exército avan-

çando sobre as ruas da favela, segue o exército das empresas de telefonia, TV a cabo e serviços. Num macabro espetáculo midiático, os veículos de comunicação privados continuam fazendo seu papel de mentir sobre os fatos e apresentar toda esta violência contra os moradores como se fosse algo natural e justificável. E o que importa para o governo não é o bem estar do povo, mas garantir que a Copa do Mundo, Olimpíadas e demais mega-eventos dos ricos ocorram e gerem um gordo lucro para as empreiteiras e todas as empresas patrocinadoras. Nem que para isso seja necessário todo um aparato militar de controle social que tristemente nos remete aos sinistros tempos da ditadura civil e militar.

Repudiamos esta violação dos direitos humanos contra os(as) moradores do conjunto de favelas da Maré, a criminalização dos(as) pobres, dos movimentos sociais e de todos(as) que manifestam indignação contra essa política da morte. Abusos como mandatos coletivos e leis que permitem a espionagem e repressão a movimentos sociais, são exemplos de que os governos só vêem o povo como um potencial criminoso.

Diante desta política de violência e morte do capital e do Estado defendemos a vida com dignidade, o povo organizado e protagonista das decisões sobre as questões de sua vida, de sua moradia, estudo e trabalho.

Viva a Maré!!! Maré Vive!!!

Nesta Edição

A REVOLTA LARANJA

A greve dos garis e sua conquista histórica ... *pág 2*

ANARQUISMO

Um debate histórico e ideológico *pág 4*

TUDO EM NOME DE “LINDAS CONQUISTAS”

Declaração da Zabalaza Anarchist-Communist Front sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2010 na África do Sul ... *pág 6*

Além de notícias, poesias e artigos

NAS BOCAS...

“No que se refere à construção de consciência e criatividade, um exército é impotente e nefasto”

Nestor Makhno

A Revolta Laranja

A greve dos garis e sua conquista histórica



Foto: João Lima

Foram oito dias de greve, oito dias históricos resistindo às burocracias estatais e ao peleguismo da direção do Sindicato dos Empregados e das Empresas de Asseio e Conservação, que aceitava as imposições da Prefeitura sem o consentimento dos garis. A mídia tentou dar o seu velho golpe mentindo sobre tudo o que acontecia na greve, buscando jogar o povo contra os(as) trabalhadores(as) e o Estado criminalizava cada ação dos(as) grevistas. O sindicato, dominado pela burocracia e completamente vendido à Prefeitura, reforçava isso ao dizer que era apenas uma “minoría” que estava em greve. Nos oito dias de manifestações, os(as) garis fecharam avenidas do Centro do Rio de Janeiro e fizeram assembleias nas praças públicas, dando um banho de organização, de resistência e de fé.

Não eram só 300 como as mídias corporativas e o prefeito Eduardo Paes insistiam em afirmar; eram mais de 3 mil nas ruas. Certo é que muitos

outros(as) que não estavam nas ruas lutando por seus direitos, é porque foram assediados(as) e intimidados(as) com demissões aprovadas pela Justiça. Outros(as) foram obrigados(as) a voltar aos seus trabalhos “escoltados(as)” por policiais militares e por seguranças privados contratados, com dinheiro público, pela Prefeitura do Rio para oprimir os(as) trabalhadores(as). O que demonstra mais uma vez a falsa democracia em que vivemos, pois nem o direito à liberdade de expressão, de protestar, de colocar o seu grito de revolta para fora os(as) trabalhadores(as) têm. Ficou mais uma vez provado que cobrar qualquer direito é considerado um crime, ainda mais quando se trata de pobre, negro(a) e favelado(a).

“Sou manifestante, tenho direito de estar na rua. Nós não somos marginais como o Prefeito vem falando na televisão. Se um for demitido, seremos todos demitidos. Não durmo direito há uma semana, mas es-

tou de pé e vou até o fim porque eu não quero que meus filhos passem fome. Moro na favela, minha família está toda lá torcendo e esperando uma boa resposta”, disse um dos garis.

No sábado, dia 08 de março, depois de mais de três horas de negociação, eles conseguiram o que tanto lutaram para ter. Emocionados fecharam mais uma vez a rua em frente à Justiça do Trabalho. A primeira proposta não foi aceita - a Prefeitura ofereceu R\$1.050 -, mas eles voltaram e disseram que queriam fechar em R\$ 1.100 e 20 reais de vale-refeição. Depois dessa conquista a comemoração foi completa.

Esta greve dos garis, que ganhou repercussão nacional, traz ânimo à luta e deixa valiosas lições sobre a importância do protagonismo dos trabalhadores nos rumos da greve. E como nesse processo se desenrola uma luta sem burocratização e com ação direta nas decisões dos rumos da greve, ele vai gerar acúmulos para a categoria e pode estimular a

outros setores oprimidos a se organizarem também. Ou seja, a força, a organização e a resistência do povo conseguem derrubar, sim, as mentiras das mídias mais poderosas do país, e os próprios governantes, que só reconhecem as reivindicações com pressão popular.

A greve como ferramenta de solidariedade e luta

Diante da sinistra conjuntura de criminalização social em que vivemos, o direito à greve e a todas as formas de manifestação e protesto devem ser defendidos. É preciso lutar contra o avanço de leis de exceção e políticas do Estado. Estas servem apenas para reprimir e controlar o povo, garantindo cada vez mais poder aos capitalistas e seus mega-eventos. Por isso precisamos gritar: *Fazer greve não é ilegal, e protestar não é crime!*

Bakunin também nos traz algumas contribuições importantes a respeito das greves. Ele as via como um instrumento



Foto: João Lima



de combate e que “já indicam uma certa força coletiva, um certo entendimento entre os operários”. Também defendia a greve geral, dotada de ideias de libertação, que “só pode resultar em um grande cataclismo que provocaria uma mudança radical na sociedade”. Como prática da luta reivindicativa e experiência coletiva, a greve deve ser encarada também como importante ferramenta de solidariedade entre os setores da classe oprimida, pois “as necessidades da luta levam os trabalhadores a apoiarem-se, de um país a outro, de uma profissão a outra”.

Nesse sentido é fundamental dotar estas ferramentas de métodos e princípios que garantam o protagonismo e o controle pelos trabalhadores dos caminhos da luta: o debate permanente nas bases a respeito dos problemas sofridos e suas soluções; a participação política com democracia direta e sem intermediários; a assembleia como espaço soberano de decisão dos trabalhadores, com pautas socializadas e construídas pela base; o federalismo

e a articulação entre os locais e grupos de base. Uma prática de organização e luta que garanta a autonomia política e a independência de classe dos explorados e oprimidos, jamais entregando a decisão a respeito de nossos interesses a burocratas, técnicos ou políticos. Por isso, devemos avançar na organização e articulação das lutas. É importante exercitar o apoio mútuo entre as diversas categorias de trabalhadores explorados e os demais setores oprimidos do povo, para não sermos prejudicados pelo oportunismo dos partidos e pelas burocracias pelegas.



A VOLTA

Gigi Damiani (tradução de Valerio Salvio)

Velhos, mas duros de morrer, voltamos como partimos. Não mudamos nada diremos aos que virmos pela estrada. E ajuntaremos: Meu irmão, cá estamos junto a ti e para o bom trabalho; nossa fê temperada pelo malho do exílio duro, descansar desdenha. O mundo escravo despertou agora depois de fundo sono, e, à nova aurora, o interrompido afã recomeçamos.

O velho amigo, abaixando a fronte responderá que o furacão sem brida por vinte anos rugiu na Europa mesta, que toda a nossa obra foi perdida e de quanto fizemos nada resta.

Replicaremos: - Não temer, passada é para nós a trágica jornada, a tirania cega já não reina.

Tudo tombou? Ergamos novamente. Vê o caipira: a terra devastada, queimado o milharal, morta a semente, que importa? Assim que o furacão amaina, ele volta depressa para a faina. Ajunta as pedras soltas, como se elas fossem de ouro e, tomando-as uma a uma, põe-se a reconstruir toda a tapera. Afofa a terra com as mãos, apruma as cercas, cava o poço, destorroa o chão vidrado, planta, trata, espera. Recompõe a tarimba, os filhos cria, sabendo embora, que outra guerra, um dia, uma noite, há de vir para levá-los...

Não desesperes, não demonstres ira. Nós passaremos todos, mas o povo renasce. Faze, pois como o caipira sábio, que sabe começar de novo.

(...continuação)

Companheiros! Enxadas sobre os ombros,
voltemos, que aí vem a primavera.
Nossa missão é remover escombros,
é destocar, é arar, é semear,
que a mocidade nosso exemplo espera!

Durante o furacão, a bicharada
dispersa-se: o térmita no cupim,
a saúva no olheiro. Cessa a lida.
Mas quando o sol ressurge e a luz dourada
bate na terra, volta a bicharada;
por entre os mortos recomeça a Vida.

A Vida não deserta, não descuro
sua obra de eterna construção,
seja nos picos de perene alvura,
ou entre as coisas ínfimas do chão.

Plantações e consciências abrem flores
para quem as cultiva com trabalho,
não há parto que não conheça dores;
não há treva que não fuja de espanto
ao sol, nem gota trêmula de orvalho
que não seja, também gota de pranto...

Tudo é luta; nada se perde, nada;
o erro na experiência se compraz.

Refaçamos a terra devastada;
Olhando só pra frente, não pra trás.

- A cruz da servidão seja partida -
diga-se a quem ela curvou a espinha;
e a quem a vã espera em si amarra
uma vontade, diga-se: ergue-te e caminha...

Mas não se diga nunca: a estrada é incerta
a quem de moço ardores já não sente.
Ferido, o veterano vai pra frente,
tomba no campo, morre. E não deserta!

ANARQUISMO

Um debate histórico e ideológico



O anarquismo vai além da palavra anarquia. Seu surgimento está ligado às lutas da classe trabalhadora na segunda metade do século XIX. É absurdo separar a raiz e o tronco socialista e clasista do anarquismo. Ele não surge da cabeça de nenhum pensador; tampouco é uma filosofia “individual”. É fruto de uma experiência coletiva. Não é coincidência que já, na sua gênese, onde há anarquismo no final do século XIX, há seções da Associação Internacional dos Trabalhadores, há perspectivas de formação do sindicalismo revolucionário nos centros urbanos do mundo. Desde então, o anarquismo é uma ferramenta de luta dos trabalhadores. Se não fosse assim, sua extensão e impacto históricos não teriam sido tão amplos, com presença registrada nos cinco continentes. O anarquismo como ideologia realiza a crítica das relações capitalistas de produção e distribuição de riquezas.

Os anarquistas têm ideias bem definidas a respeito da economia ou da sociedade. Essas ideias foram postas em prática na Espanha e em outros processos revolucionários, como na Comuna de Paris, Revolução Ucraniana e Russa, Revolução Mexicana, a Comuna da Manchúria, entre tantos. Não é sinônimo de individualismo, anti-estatismo ou antítese do marxismo. Ele constitui um tipo de socialismo caracterizado por um conjunto de princípios político-ideológicos, que inclui a oposição ao Estado, mas que não se resume a ela. Sempre reconheceu a importância de conciliar o socialismo com a liberdade individual e coletiva e pretende superar o sistema de dominação e a estrutura de classes da nossa sociedade. A superação do capitalismo pela revolução social está na proposta econômica anarquista.

O anarquismo baseia-se em análises racionais, métodos e teorias que não são idealistas (explicações metafísicas/teológicas). Essas análises são feitas para tentarmos compreender “onde estamos” e “onde queremos chegar”. Para isso, defendemos que os anarquistas estejam organizados, no nível político, como um grupo coeso, com discussão política e ideológica avançada, com critérios de ingresso, uma estratégia bem definida e um estilo militante de trabalho nos movimentos sociais. O anarquismo que defendemos



(e o que foi hegemônico na sua história) não nega a organização e as lutas de curto prazo (saúde, educação, tarifa zero, moradia, reforma agrária etc.) como um caminho para atingir a revolução. Nesse sentido, acreditamos que para se abolir o Estado é preciso potencializar as lutas dos movimentos populares, sindicatos e movimentos camponeses. Não aceitamos a ação parlamentar porque não há nenhum exemplo na história em que esta via trouxesse uma significativa transformação social, ou mudança nas estruturas de poder vigentes. Além disso, acreditamos que a construção de nosso projeto e do sujeito de transformação se dá com a participação ativa no cotidiano das lutas, e não entregando o poder na mão de representantes.

Defendemos a organização política não num sentido vanguardista, mas enquanto minoria ativa que luta sempre ombro a ombro com os movimentos sociais e respeita o seu tempo. Lutamos por um sistema de autogestão generalizada e de estratégias capazes de promover a transformação social de um sistema para outro (poder popular, autogoverno). O poder para os anarquistas está na tomada das fábricas, dos bairros, dos meios de produção, das minas, das ruas e finalmente no que os zapatistas chamam de “povo em armas”.

Os debates fundamentais dentro do anarquismo se dão em torno dos seguintes temas: organização, lutas de curto prazo e o papel da violência. As divergências estão nos debates estratégicos, que dão origem às diferentes correntes anarquistas. Por isso é equivocado dizer que há “dezenas de anarquismos” ou que há “tantos anarquismos quanto anarquistas” no mundo. Apesar das diferentes estratégias, seu tronco histórico tem princípios políticos muito bem definidos e que demonstram a existência de uma coerência interna. Não temos a ilusão de que nossa vitória, a dos oprimidos, será feita de uma só tacada. Uma luta contra a burguesia e o Estado envolve a busca permanente de força social em direção ao poder popular. Este se constrói fortalecendo cada vez mais os movimentos populares.

Não podemos esperar uma revolução que nunca chega, devemos desde já agir de acordo com os fins que queremos atingir, conquistando as necessidades populares a partir da organização, da luta, da ação direta. Não podemos ser ingênuos esperando uma solução “pacífica” nem ter fetiche pelas táticas que iremos utilizar. O Estado e a burguesia nos violentam todos os dias e nunca houve uma revolução sem resistência e violência dos(as) oprimidos(as). Bakunin já falava que o Estado não é “neutro” mas uma forma específica de organização das classes dominantes. Assim, os trabalhadores não podem utilizar o Estado como meio para atingir uma sociedade socialista e libertária, pois isso só transformará um restrito setor dos tra-

balhadores numa nova classe dominante.

Por isso afirmamos que anarquismo não é negação da política, do poder. Defendemos uma concepção de política e de poder (popular). O que condenamos é um determinado tipo instituído de relação de poder, que é a dominação (econômica, política, social, ideológica), cujo pilar não é apenas o sistema de produção capitalista, mas também o Estado, a religião institucionalizada, a educação dominante, o imperialismo, a dominação de gênero e de etnia. Além disso, a luta popular e a auto-organização dos trabalhadores mostram que vale a pena lutar e caminhar com o anarquismo e é para isso que ele existe.

Anarquismo é luta!

(Leia o texto na íntegra em www.farj.org)

BLACK POEMA

Meu poema tem som de bombas
levanta quem senta
exala cheiro de spray de pimenta.

Nasci da cor de Zumbi
nas ideias e suores
do Ocupa Palmares.
Do “baderneiro” Frei Tito
prego o evangelho da cumplicidade.
Do “vândalo” Chico Mendes,
alimentador do green block,
carrego a relação
entre todas “as coisas” da mãe natureza.

Por que o senhor atirou em mim?
Porque eu quis!

Balas de borracha
apagam a palavra singeleza
no “quadro negro” da avenida Brasil.
Este poema
vandaliza predicados e adjetivos
preso
nas escadarias
das rimas ricas
se liberta aliviado
como quem sai do presídio.
Meu poema está vivo.
Mas por sorte
de não ter inalado
o gás azul da morte...

Julinho Terra

Tudo em nome de “lindas conquistas”

Uma declaração da Zabalaza Anarchist-Communist Front (ZACF) sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2010 na África do Sul

A Copa do Mundo de Futebol de 2010 deve ser exposta tal qual ela foi: uma completa e vergonhosa farsa. A *Zabalaza Anarchist-Communist Front* (ZACF) condena veementemente a audácia e a hipocrisia do governo sul-africano ao apresentar esse evento como uma oportunidade de “única na vida” para que houvessem melhorias econômicas e sociais para os que vivem na África do Sul (e também para aqueles que vivem no resto do continente). O que é gritantemente claro é que a “oportunidade” foi e continua sendo uma causa de euforia para o capital global e doméstico, bem como para a elite sul-africana. Com efeito, se alguma coisa o evento trouxe, foram sim consequências devastadoras para os pobres e trabalhadores da África do Sul.

Nos preparativos para receber a Copa do Mundo, o governo gastou cerca de 800 bilhões de rands (cerca de 73 bilhões de dólares), sendo 757 bilhões em desenvolvimento de infraestrutura e 30 bilhões em estádios que nunca mais serão ocupados. Um tapa na cara coletivo daqueles que vivem num país caracterizado pela pobreza e com cerca de 40% de taxa de desemprego. Nos últimos cinco anos, os trabalhadores pobres expressaram seu desgosto e desapontamento quanto à ineficiência do governo em corrigir a sólida desigualdade social através de mais de 8 mil protestos país afora, exigindo serviços básicos e moradia.

Este padrão abusivo de gastos é mais uma evidência da manutenção

do fracassado modelo neoliberal, que preconizava “aumentar o bolo antes de redistribuí-lo”. Porém, nada fez além de aprofundar a desigualdade e a pobreza. Embora tenham havido afirmações contrárias, o governo recentemente admitiu isto ao mudar de opinião, e agora finge que o projeto nunca teve a intenção de gerar lucros.

A África do Sul necessita desesperadamente de infraestrutura em grande escala, especialmente na área de transporte público que, em algumas cidades, incluindo Joanesburgo, é completamente inexistente. O Gautrain (modernização do sistema ferroviário com 80km ligando Pretória, Joanesburgo e o aeroporto Oliver Tambo) inaugurado dia 8 de junho de 2006 - à tem-

po para o grande evento - é provavelmente a maior ironia de todas: em um país onde a maioria maciça da população tem que confiar nos inseguros micro-ônibus privados para viajar longas distâncias todos os dias, o Gautrain oferece alta velocidade e luxo para turistas e para aqueles que viajam entre Joanesburgo e Pretória desde que você possa pagar, já que uma viagem en-

tre o aeroporto e Sandton custa a quantia de 100 rands (cerca de 10 dólares). A mesma coisa acontece em outros lugares: a Companhia de Aeroportos da África do Sul (ACSA) gastou mais de 16 bilhões de rands (cerca de 1,5 bilhões de dólares) em melhorias de aeroportos; a Agência Nacional de Rodovias Sul-Africanas (SANRAL) gastou mais de 23 bilhões de rands (cerca de 2 bilhões de dólares) em uma nova malha de rodovias pedagiadas. Tudo isso vai ensejar medidas de recuperação de

investimentos bilionários, o que pouco vai beneficiar os pobres sul-africanos.

Por todo o país, municípios decidiram adotar esquemas de revitalização urbana, acompanhados da consequente gentrificação, na medida

em que o governo tenta rapidamente ocultar a dura realidade sul-africana. Mais de 15 mil moradores de rua foram isolados em abrigos de Joanesburgo. Em Cape Town, a prefeitura desalojou milhares de pessoas de áreas empobrecidas ou ocupadas como parte do projeto da Copa do Mundo. A cidade de Cape Town tentou, sem sucesso, desalojar 10 mil moradores de Joe Slovo

para escondê-los de turistas que viajassem ao longo da rodovia N2. Outras tentativas similares ocorrem em qualquer lugar em que haja demanda por espaço para estádios, parques para torcedores ou estações de trem. Em Soweto, rodovias estão sendo embelezadas ao longo das principais rotas turísticas ou da FIFA, enquanto escolas adjacentes apresentam vidros quebrados e edifícios em ruínas.

Apesar de muitos sul-africanos não terem se convencido, outros são arrastados pela enxurrada de propaganda nacionalista que visa desviar a atenção do circo que é a Copa do Mundo. Toda sexta-feira foi denominada com a “Sexta do Futebol”, quando a “nação” era encorajada (e as crianças em escolas obrigadas) a usar o uniforme da seleção sul-africana, os “Bafana-Bafana”. Os automóveis portavam bandeiras; as pessoas aprenderam a “Diski-dance” (a dança oficial da Copa de 2010) que era apresentada regularmente em todos os restaurantes turísticos; e compraram os bonecos Zakumi, mascote oficial do mega-evento esportivo. Qualquer um que demonstrasse ceticismo em relação à Copa, era taxado como antipatriota. O primeiro exemplo dessa paranóia aconteceu quando trabalhadores grevistas da *South African Transport and Allied Workers Union* (SATAWU) foram “convencidos” a desistir de suas reivindicações em nome dos “interesses nacionais”. Em um cenário em que cerca de um milhão de empregos foram perdidos ao longo dos últimos anos, as afirmações espetaculosas do governo de que foram criados mais de 400 mil postos de trabalho redundam vazias e ofensivas. Os empregos criados são predominantemente circunstanciais ou “contratos de duração limitada”, ocupados por trabalhadores não-sindicalizados e cujos rendimentos estão abaixo do salário mínimo oficial.

Além da repressão aos sindicatos, os movimentos sociais receberam

Não apenas a repressão estatal foi particularmente severa sobre os pobres e qualquer manifestação ou atividade anti-Copa do Mundo; tudo dentro do disfarce da África do Sul como um anfitrião de braços abertos para aqueles reunidos em hotéis de luxo, albergues da juventude e bares. Mas tudo isso foi feito sob a orientação de Joseph Blatter e do império criminoso chamado FIFA ...

do estado uma hostilidade semelhante, que de forma “não-oficial” proibiu qualquer protesto durante o evento a partir de março de 2006, mais de três meses antes da Copa. De acordo com Jane Duncan: “Uma pesquisa realizada em outros municípios que receberão jogos da Copa do Mundo revelou que uma proibição geral de reuniões está em operação. De acordo com a municipalidade de Rustenberg, manifestações estão vetadas para a Copa do Mundo. A prefeitura de Mbombela disse que não permitiria protestos durante a Copa. O Conselho da Cidade do Cabo afirmou que continuaria a aceitar pedidos para manifestações, mas indicou que estes atos podem se tornar um problema durante a Copa. De acordo com as prefeituras de Nelson Mandela Bay e Ethekwini, a polícia não permitirá manifestações durante o período da Copa do Mundo”.

Embora seja claro que a constituição, muitas vezes saudada por sua face “progressista”, está longe de ser a garantia da liberdade e da igualdade que o governo afirma, esta nova forma de repressão está claramente em contradição com o direito constitucional à liberdade de expressão e de reunião. No entanto, movimentos sociais de Joanesburgo, incluindo o Fórum Anti-Privatização e vários outros não desistiram tão facilmente, tendo conseguido obter autorização para uma marcha de protesto no dia da abertura da Copa, com a ajuda do Instituto da Liberdade de Expressão. No entanto, a marcha foi forçada a ser realizada a três quilômetros do estádio, onde não vai atrair qualquer tipo de atenção da mídia.

Não apenas a repressão estatal foi particularmente severa sobre os pobres e qualquer manifestação ou atividade anti-Copa do Mundo; tudo dentro do disfarce da África do Sul como um anfitrião de braços abertos para aqueles reunidos em

hotéis de luxo, albergues da juventude e bares. Mas tudo isso foi feito sob a orientação de Joseph Blatter e do império criminoso chamado FIFA, maravilhosamente referida como *THIEFA* pelo Fórum Social de Durban (*THIEF* em inglês significa ladrão). A entidade máxima do futebol mundial espera colher com a Copa cerca de 1,2 bilhões de euros, já tendo ganho mais de 1 bilhão com os direitos de transmissão.

Os estádios e áreas vizinhas que foram entregues à FIFA durante o torneio (“zonas livres de impostos”, áreas controladas e monitoradas pela *THIEFA*, isentas de tributação normal e outras leis estaduais), e todas as rotas próximas aos estádios foram limpas de qualquer um que vendesse produtos não-oficiais e aqueles que vivem em acampamentos ao longo das estradas do aeroporto. Assim, todos aqueles que tinham a intenção de vender produtos relacionados à Copa do Mundo para aumentar os seus rendimentos de sobrevivência foram deixados de fora do grande circo futebolístico.

A FIFA, como proprietária exclusiva da marca Copa do Mundo e dos seus produtos, também conta com uma equipe de aproximadamente 100 advogados vasculhando o país para evitar qualquer venda não autorizada e o marketing da marca. Estes produtos são apreendidos e os vendedores presos, apesar do fato de que a maioria na África do Sul e no continente compra esses produtos do setor de comércio informal, visto que poucos têm dinheiro suficiente para pagar o preço abusivo de uma camisa de seleção ou qualquer outro produto. A FIFA também tem efetivamente amordaçado jornalistas com uma cláusula de que impede as organizações de mídia de provocarem descrédito a si própria e a Copa do Mundo, comprometendo claramente a liberdade de imprensa.

EM 2015...

E ELES NÃO SABIAM O QUE FAZER COM OS ESTÁDIOS DEPOIS DA COPA!



A grande ironia é que o futebol já foi verdadeiramente o jogo da classe trabalhadora. Assistir jogos ao vivo nos estádios era barato e de fácil acesso para as pessoas que optavam por passar 90 minutos sem pensar da labuta diária de suas vidas sob a bota do patrão e do Estado. Hoje, o futebol profissional e a Copa do Mundo trazem lucros exorbitantes para uma pequena elite global e doméstica (com bilhões gastos desnecessariamente em um momento de crise capitalista global), que gastam fortunas todas as temporadas para assistir jogadores de futebol regamente pagos se jogarem escandalosamente no gramado a cada jogada mais ríspida e que discutem, através de seus empresários parasitas, sobre se são ou não merecedoras de seus enormes salários. Um jogo que, em muitos aspectos, mantém a sua beleza estética, perdeu a sua alma proletária e foi reduzido para apenas mais um conjunto de mercadorias a serem exploradas.

Bakunin disse uma vez que “as pessoas vão à igreja pelos mesmos motivos que vão à taverna: para entorpecerem-se, para esquecerem a sua miséria, a imaginarem-se, por alguns minutos, de qualquer maneira, livres e felizes”. Talvez, entre todas as bandeiras nacionalistas tremulando e

o soprar das vuvuzelas, podemos acrescentar o esporte nessa equação e que pode parecer mais fácil esquecer do que participar ativamente na luta contra a injustiça e a desigualdade. Mesmo assim, há muitas pessoas que o fazem, e a classe trabalhadora, os pobres e suas organizações não são tão maleáveis à ilusão como o governo gostaria de acreditar. Das construções irregulares e acampamentos temporários nas portas dos estádios aos protestos e manifestações de massa; de todas as greves pelo país, autorizadas ou não, apesar dos insultos, zombarias e os rótulos de serem “impatrióticas”; das sanções à liberdade de expressão nós, desafiadoramente, fazemos ouvir nossas vozes para expor as terríveis desigualdades que caracterizam a nossa sociedade e os jogos mundiais disputados em detrimento das vidas daqueles sobre os quais os impérios são construídos e que serão, em última instância, destruídos.

**Abaixo a Copa do Mundo!
Abaixo a repressão estatal
e o nacionalismo, que divide os povos!
Avante a luta do povo contra a exploração!**

Tradução e adaptação: Rudesindo.

MARÉ

MINHA DOR É JUSTIFICADA PELO JORNAL SENSACIONAL
 NÃO HÁ HUMANIDADE AQUI
 NENHUMA SOLIDARIEDADE
 NÃO SEI NADA DE POLÍTICA, DE CONSTITUIÇÃO E COISA E TAL
 NÃO ME VENHA FALAR DE INSTRUÇÃO JÁ QUE AQUI NÃO
 TENHO NEM PÃO
 ONTEM EU VI PESSOAS PELO CHÃO
 POR QUÊ? PENSEI.
 QUERIA QUE MEU IRMÃO RESSUSCITASSE COMO UM REI
 RAPIDAMENTE MINHA INOCÊNCIA SE FOI A CADA DIA QUE O
 CÃO VINHA FAZER A LIMPA
 É A MARÉ VERMELHA QUE ME AFOGA NO MAR
 TIVE CORAGEM PRA PARTIR.

MARÉ E NOVA HOLANDA. CHORO DE PERIFERIA. QUE RIO
 DE TOLOS.



**17 de abril, Dia internacional
 de Luta Camponesa
 2014, Ano Internacional da Agricultura
 Familiar, Camponesa e Indígena**



**Campanha
 Protestar não é
 crime!!!
 Contra a
 criminalização
 dos movimentos
 sociais!!!**



Organizações integrantes da CAB: Organização Resistência Libertária - CE; Coletivo Anarquista Núcleo Negro - PE; Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares - AL; Federação Anarquista do Rio de Janeiro - RJ; Organização Anarquista Socialismo Libertário - SP; Rusga Libertária - MT; Coletivo Anarquista Luta de Classes - PR; Coletivo Anarquista Bandeira Negra - SC; Federação Anarquista Gaúcha - RS.

CELIP realiza debate sobre os 50 anos do Golpe de 64

No dia 7 de abril, foi realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, no Centro do Rio, mais um encontro do *Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres (CELIP)* cuja temática foi o cinquentaenário do Golpe de 1964. A atividade, denominada “Anarquistas, golpe e resistência”, contou com mais de 30 pessoas, que participaram ativamente do debate. Contamos também com a presença de companheiros do núcleo pró-Federação de Educação Libertária, que ao final apresentaram brevemente a proposta de construção da FEL.

Na introdução, feita por um companheiro da FARJ, foram resgatados alguns fatos históricos sobre as repressões aos anarquistas durante sua atuação no sindicalismo revolucionário no início do século XX, assim como no governo Vargas (1930-1945).

Também foi resgatada a memória e a resistência de companheiros como Ideal Peres, que vivenciou esse nefasto período de nossa história, bem como

questões da atual conjuntura em que vivemos, como as leis de criminalização dos pobres e dos movimentos sociais. Se em 1964 assistimos ao golpe civil empresarial e militar, hoje fica evidente que os aparatos de repressão do Estado sempre continuaram operando. Confirmam isso as ações de violência e a omissão do Estado em casos como a recente invasão militar no conjunto de favelas da Maré, assim como em outras favelas, periferias, ocupações no campo e na cidade e assentamentos. Ontem, como hoje, os culpados, militares, políticos e empresários, continuam impunes.

O capital e os poderosos querem fazer avançar seus interesses, sempre com apoio dos meios de comunicação privados que silenciam sobre as ações de repressão e os crimes contra o povo, esvaziando a importância das formas de resistência popular. Isso só terá fim com os setores populares se organizando e protagonizando os processos de resistência.

Sem esquecimento e sem perdão!

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001
 Entre em contato e faça uma visita: <http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com>

Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todos que fazem esta publicação ser possível, até os mais anônimos colaboradores.

Se tem interesse de distribuir ou assinar o Libera entre em contato: farj@riseup.net



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS - BRASIL: CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE www.resistencialibertaria.org | Núcleo Negro/PE <http://nucleonegro.noblogs.org> | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS <http://batalhadavarzea.blogspot.com.br> | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> | CAZP/AL www.cazp-al.blogspot.com | CALC/PR <http://coletivoanarquistalutadeclasse.wordpress.com> | GEIPA/SC www.geipainville.blogspot.com | COMPA/BH www.socialismolibertario.com.br | **ÁFRICA DO SUL:** ZACF www.zabalaza.net | **ARGENTINA:** OSL www.osl.org.ar | FACA <http://lafaca.org> | **COLÔMBIA:** RLPMK www.redlibertariapmk.org | **BOLÍVIA:** OARS www.oars.tk | **CHILE:** OCL ocl.chile@gmail.com | CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> | **COSTA RICA:** Pró-FAC (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | **FRANÇA:** CNT Vignoles www.cnt-f.org | **MÉXICO:** AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | **PERU:** USL www.uslperu.blogspot.com | **URUGUAI:** FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | CSL <http://periodicorojoynegro.blogspot.com> | **EUA/CANADÁ:** NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | **ITÁLIA:** FdCA www.fdca.it | **IRLANDA:** WSM www.wsm.ie | **ESPAÑA:** CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | www.anarkismo.net